

O USO DO DIÁRIO NA PESQUISA ETNOGRÁFICA DA SALA DE AULA DE PORTUGUÊS COMO L2

MARIA JANDYRA CUNHA¹

Abstract

A diary is a communicative situation in which the written word has a role; it is a literacy event. According to Barton (1994), literacy practices are the general ways of utilising literacy which people draw upon in a literacy event. Since 1992, diaries have been consistently used by student-teachers involved in language courses of the Programme of Research and Teaching in Portuguese for Speakers of Other Languages in the University of Brasilia. I examined some of these diaries written between 1990 and 1997 in order to show the different literacy practices which they draw upon.

Introdução

É nosso objetivo neste trabalho determinar as formas como o diário vem sendo usado por professores-alunos que fazem pesquisa etnográfica em sala de aula como parte do projeto de *Educação de Professores Pesquisadores em Português como L2 (segunda ou outra língua)* desenvolvido pelo Departamento de Línguas Estrangeiras (LET) da Universidade de Brasília (UnB).

Na primeira sessão do trabalho, mostramos alguns usos de diário em pesquisa etnográfica. Na segunda sessão, contextualizamos o diário por nós examinado dentro do projeto mencionado. Antes de tecermos nossas considerações finais, na terceira sessão deste trabalho, indicamos como o diário vem sendo usado por professores-alunos envolvidos no projeto.

¹ Nossos agradecimentos aos membros do *Grupo de Pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas* e, em especial, a *Mônica Rodrigues da Luz*, que auxiliou na releitura dos diários.

1. Um evento de letramento: o diário

O diário é uma situação comunicativa em que a palavra escrita tem um papel; é um evento de letramento. Ao longo de sua história como instrumento metodológico na pesquisa etnográfica, o diário tem sido usado de diferentes formas, algumas das quais discorreremos a seguir.

Bronislaw Malinowski (1922) – que contribuiu para a história do moderno pensamento antropológico mais por sua inovação metodológica do que por seu ponto-de-vista teórico – usou o diário para registrar de forma sistemática a vida cotidiana dos nativos das ilhas Trobiand, na Papua/ Nova Guiné. O diário e o contato íntimo com os sujeitos pesquisados foram apontados como necessários para tratar o que ele chamou de “imponderável da vida concreta”, isto é, os diferentes comportamentos do grupo em estudo.

No Brasil, inúmeros trabalhos de etnologia indígena foram escritos na forma de relato diário escrito por antropólogos, viajantes e missionários. Ressaltamos aqui os dos antropólogos Berta Ribeiro (1979) e Darcy Ribeiro (1996).

Berta Ribeiro escreveu sobre sua experiência no Parque Xingu durante viagem realizada em agosto de 1977, registrando dados referentes à arte do traçado de diversos grupos locais, com detalhes sobre a coleta e preparo do material, confecção de cestos, seu uso e função, simbolismo dos desenhos ornamentais e sua aplicação a outros artefatos. Seu diário relata ainda as atividades rotineiras de trabalho e lazer dos grupos visitados e dá, entre outras, informações sobre o sistema de troca vigente no sul e no norte do Parque, as plantas cultivadas e seu processamento. Focando os Kajabi, Ribeiro escreve sobre a classificação que eles dão a plantas e animais e também sobre a elaborada culinária do grupo.

Embora publicados apenas em 1996, os diários de Darcy Ribeiro são anotações que ele fez entre 1949 e 1951 em duas expedições às aldeias Urubus-Kaapor localizadas na zona limítrofe entre os estados do Pará e Maranhão. Em “oito cadernos grossos, de capa dura, que ajudava a susten-

tar a escrita, porque índio não tem mesa”², o antropólogo anotava, dia-a-dia, o que via, o que acontecia e o que os índios diziam. Dois aspectos, em especial, chamam-nos a atenção nos diários de Darcy Ribeiro. O primeiro é que o diário foi pensado como um diário dialogado, ou seja uma interação escrita. Os diários do antropólogo – que ele diz ser “a mais longa carta de amor que jamais se escreveu” – foram dirigidos a Berta Ribeiro com quem Ribeiro comungava não apenas uma relação pessoal mas um interesse acadêmico. Houve um compartilhamento de uma atividade social de domínio comum entre os dois antropólogos.

O segundo aspecto que atrai a atenção nos diários de Darcy Ribeiro é que os sujeitos pesquisados “também escreviam” em seus diários, tanto quanto isto fosse possível a uma época quando o letramento não fazia parte das práticas sociais do grupo. “Observando minha escrevinhação sem fim” – relata o antropólogo – “eles pediam o caderno, sentavam-se como eu e rabiscavam arabescos sobre a pauta.”. No livro publicado a partir de seus diários, o antropólogo reproduz algumas páginas dessa colaboração (e.g.: pp. 139, 148 e 149).

A colaboração do sujeito pesquisado foi usada, de forma explícita, por D. Robinson (1971) que, ao investigar a experiência da doença, solicitou que um número de mulheres casadas do sul do País de Gales mantivessem diários sobre a saúde dos membros de sua casa. Os diários foram mantidos durante quatro semanas e as informações neles contidas ajudaram Robinson a entender as decisões tomadas em relação à saúde no nível doméstico. A pesquisa mostrou que alguns episódios narrados em diários, embora breves, não eram insignificantes e poderiam ter sido desconsiderados em relatos retrospectivos a partir de questionários e entrevistas.

Em seus estudos sobre os estilos de vida na contracultura, Zimmerman e Wieder (1977) também usaram o diário através dos sujeitos pesquisados. Comprometidos com a observação participante e sentindo dificuldade para

² Analisando processos de mudança social e cultural na comunidade Yudjá do Xingu, fazemos referência ao uso atual da mesa na escola, enfermaria e estação de rádio amador, domínios sociais recentes que trouxeram consigo práticas de letramento. (Cunha, 1996)

registrar determinados cenários e atividades, os pesquisadores recrutaram informantes que usaram diários durante sete dias. Após tal período, os informantes foram entrevistados sobre seus registros em diário.

Na pesquisa educacional, o diário vem sendo muito usado. Ball (1981) usou diários paralelamente a questionários sociométricos para investigar relações de amizade existentes entre adolescentes na escola. Ele constatou, entretanto, que os questionários sociométricos falhavam em localizar as amizades casuais que pareciam não existir entre alunos fora da escola. Falhavam também em mostrar a relação entre sexos opostos que se delineava nessa faixa etária, embora referências a esse tipo de relação fossem feitas pelos alunos em diários.

O linguísta aplicado Dick Allwright (1989) apontou o diário como importante instrumento na investigação da sala de aula. “O diário – escreve ele – é um primeiro passo para a pesquisa (de sala de aula), a qual é em si a recompensa (do trabalho do diário)”. Para Allwright, na observação da sala de aula, os relatos retrospectivos produzidos conforme recomendações de procedimentos prescritas deveriam ser substituídas pelos diários, os quais possibilitam a variação de conteúdos temáticos de acordo com os acontecimentos que emergem em sala de aula.

Katheleen Bailey (1983) usou o diário como instrumento fundamental de auto-reflexão no trabalho de educação de professores. Examinando diários, a pesquisadora viu reveladas duas variáveis (competitividade e ansiedade), que poderiam ter sido negligenciadas nas observações tradicionais de aula. Bailey (1990) descreveu o diário como “um relato de experiência de aprendizagem ou de ensino de línguas documentada por registros simples e regulares em um jornal pessoal, posteriormente analisados em busca de padrões recorrentes ou de eventos salientes”.

Para Richards e Lockhart (1995) o diário feito por professor ou por aluno tem dois propósitos: (1) anotar eventos e idéias para reflexão posterior, e (2) escrever para provocar a reflexão sobre o ensino/aprendizagem em questão, ou seja escrever no sentido de um processo de descoberta.

Patrícia Porter chamou atenção para o fato de que o uso do diário por professores-alunos é motivado por três premissas correntes em educação. A primeira é a importância da conexão entre a escrita e a aprendizagem, sendo a escrita vista como um processo de descoberta, “uma forma de explorar, gerar

e conectar idéias, mudar noções preconcebidas e conectar idéias e experiências”. A segunda é a escrita como atividade social tanto quanto cognitiva e, sendo assim, a escrita não é uma busca solitária mas uma interação entre pessoas que compartilham interesses. A terceira premissa diz respeito à ênfase que hoje se dá à abordagem comunicativa no ensino de línguas, implicando um maior envolvimento do aprendiz no processo de aprendizagem; o professor-aluno é incentivado a ver seu ensino mais como um ‘processo’ do que como um ‘produto’ (Porter et al., 1990).

Marisa Morita (1995) usou o diário para intensificar a interação entre educadora e educandos em um Seminário de Atualização Didática realizado em São José da Costa Rica, durante cinco dias em julho de 1994. Os diários feitos por professores de português para estrangeiros de Costa Rica, México, Panamá, El Salvador, Colômbia, Venezuela e Nicarágua foram usados para trocar experiências e idéias, tirar dúvidas, expressar satisfações e anseios em relação à atuação pedagógica do próprio educando, além de servir de um espaço especial de análise de conteúdo e do desenvolvimento do próprio seminário.

2. O diário na ‘Educação de professores/pesquisadores em Português como L2’: o contexto social do evento de letramento

Para Barton (1994) as práticas de letramento estão situadas em relações sociais mais amplas, o que torna necessária a descrição do contexto social de eventos de letramento, incluindo as formas pelas quais as instituições sociais os apoiam.

O evento de letramento por nós investigado – o diário – é usado como instrumento metodológico na *Educação³ de professores/pesquisadores em Português como L2*, um dos projetos desenvolvidos, desde 1990, no âmbito

³ Temos usado o termo *educação* (cf. Richards e Nunan, 1990) ao invés de *formação* por entendermos que este último subentende uma habilitação formal como a graduação do Curso de Letras. O termo *treinamento* é por nós rejeitado por estar associado a práticas comportamentalistas (*behaviouristas*). O termo *desenvolvimento* — usado por Dick Allwright em seu Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento de Professores de Línguas na Universidade de Lancaster desde o início da década de 90 — também capta a idéia sobre a qual trabalhamos.

do Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas (PEPPFOL) do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB). Através deste projeto, alunos do curso de graduação em Letras recebem uma prática de ensino em Português como segunda ou outra língua, uma vez que eles atuam diretamente em sala de aula, regendo diferentes níveis do *Curso Básico de Português para Estrangeiros*, um curso de extensão aberto à comunidade estrangeira externa pelo PEPPFOL.

O projeto de *Educação de Professores/Pesquisadores ...* está baseado no *tridimensionalismo unitário* da universidade (Buarque, 1989, Cunha, 1990; Cunha e Santos, 1994), no qual aliam-se o ensino, a pesquisa e a extensão: alunos de Letras que complementam sua formação (ensino); há oferta de cursos de português como L2 (segunda ou outra língua) à comunidade externa; e há a investigação da sala de aula e produção de material de ensino (pesquisa).

No exercício das atividades docentes, os professores-alunos fazem um estudo etnográfico de suas próprias salas de aula, colhendo dados através da observação participante, gravações de áudio e vídeo, e diários.

A solicitação do uso do diário é feita aos professores-alunos do projeto levando em consideração sua história social enquanto evento de letramento. Como disse Barton (1994), “nossas práticas são criadas a partir do passado” e, por isso, nosso uso de diários na educação de professores/pesquisadores parte do trabalho de outros antes de nós, principalmente daqueles que vêm usando o diário dialogado, isto é uma interação escrita que educandos e educadores trocam periodicamente.

O diário tem sido recomendado a nossos professores-alunos com três objetivos:

- fazer um registro sistemático da ‘vida cotidiana da comunidade observada’, interessando-nos por todos eventos da sala de aula;
- estabelecer a interação entre orientadora e professor-aluno, que passam a compartilhar não só interesses comuns mas também o conhecimento da área;
- provocar, com o ato de escrever, a reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem no qual estamos envolvidos.

3. Práticas de letramento: como os professores-alunos se reúnem em torno do diário

Se o diário é um evento de letramento ao redor do qual a palavra escrita tem um papel, a forma como os professores-alunos da ‘Educação de professores/pesquisadores...’ o usam determina as práticas de letramento. Para Barton (1994), as práticas de letramento são as formas culturais pelas quais as pessoas se reúnem em torno de um evento de letramento, que em si carrega uma história social. Ora, o diário que, como vimos, já foi usado de distintas formas por outros pesquisadores, no projeto do PEPPFOL é usado de forma específica. São essas práticas de letramento que queremos mostrar a seguir.

Analisamos diários escritos entre 1992 e 1997 por sete indivíduos de ambos os sexos, com idades variando entre 19 a 25 anos⁴. Constatamos que o diário foi usado com diferentes fins, entre eles:

- registrar o conteúdo ensinado, ex.:

Tabela 1 - “Setembro”⁵

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
1	2	3	4	5
Verbos: pretérito – regulares e irregulares (Unid. 4 a 6)	P r o n o m e s interrogativos e demonstrativos (Unid. 6-7)	Pronomes possessivos; Advérbios de lugar (Unid. 6-7)	Texto com tempos verbais: reforço	Verbo e pronomes interrogativos

⁴ Os autores dos extratos de diário incluídos neste trabalho foram representados por iniciais que aparecem, junto com sua idade e sexo, entre os parênteses no final de cada extrato.

⁵ Os diários foram originalmente redigidos à mão, porém nada foi alterado na sua transcrição. Por exemplo, foi mantida a disposição gráfica do cronograma apresentado pelo autor. Os números apresentados acima dos registros correspondem ao dia do mês (setembro) em que eles foram feitos a cada dia da semana (segunda a sexta-feira) de um curso intensivo, com 4 horas-aula diárias. Nos dias 19 e 26 nada foi registrado. Os trechos não inteligíveis do texto original foram representados por (XXX).

8	9	10	11	12
Exercícios sobre gerúndio; presente progressivo, reforço. (Unid. 9)	Correção de exercícios referente a preposições e verbos.	Fixação: aqui, aí, ali, lá, esse, aquele, aquela.	(XXX)	Preposições
15	16	17	18	19
(XXX)	(XXX)	P r o n o m e s possessivos - 1a, 2a e 3a pessoas (Unid. 8)	(XXX)	_____
22	23	24	25	26
Fixação e exercícios sobre verbos, corpo conversação exerc. (Unid. 8)	Advérbio de lugar Demonstrativos e preposições.	Futuro imediato; advérbio de lugar e pronome possessivo.	Parentesco; possessivos e adv. de lugar Avaliação do curso 7-8	_____
29	30			
Prova Final	Resultado: fim do curso.”			

(V. G., 20 anos, sexo masculino)

“(1) Unidade 20, diálogos 20 e 20A (página 26 da apostila).

- Li os diálogos (2 X);

- Perguntei as dúvidas de vocabulário;

- Pedi para os alunos abrirem a apostila e fazerem a leitura em duplas.

(2) Expliquei as notas (página 27);

(3) Expliquei o PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO (página 28);

(4) Expliquei DIMINUTIVO (páginas 29 e 30).” (M. R., 23, f.)

- descrever eventos ocorridos em sala de aula, ex.:

“Corrigi as atividades extras dos números 11, 14, 15 e 16. A atividade 11

demorou para ser corrigida por se tratar de um texto com muitas palavras novas e de uso regional; tive que explicar muitas palavras e o sentido do texto. O exercício também tinha várias perguntas de interpretação e todas foram lidas, analisadas e discutidas por mim e pelos alunos.” (M. R., 23, f.).

- descrever as reações dos/as alunos/as aos eventos de sala de aula, ex.:

“Percebi que a aluna E., quando tinha alguma dúvida, perguntava em inglês a algum colega. Então conversei com ela e pedi que ela não fizesse mais isso e que me perguntasse sempre que algo não fosse entendido.” (R. R., 19, f.)

- expressar as próprias reações aos eventos de sala de aula, ex.:

“Senti que, desde que iniciamos o imperfeito, eu tive um pouco de dificuldade em decidir como explicar o imperfeito e seus usos a eles. Mas, mesmo assim eu acho que eles entenderam.” (G. B., 20, f.)

- interpretar os eventos de sala de aula, ex.:

“Sentem, é claro, alguma dificuldade na hora de decidir qual tempo usar na conversa informal, mas acho que também é uma dificuldade normal para estrangeiros, pois nem todas as línguas têm tanta variação de tempos verbais como o Português.” (G. B., 20, f.)

- registrar a avaliação (objetiva ou subjetiva) dos alunos, ex.:

“Y. e M. faltaram. R. tem se esforçado bastante e já está compreendendo bem melhor as coisas. M. precisa fazer mais exercícios à tarde para recuperar sempre o que é dado, como no caso dos números, por exemplo (ensinado na 1a. lição), principalmente na parte oral (sem texto escrito ou com ele), mas também na escrita.” (G. B., 20, f.)

Tabela 2 - “Resultado das Avaliações:

Oral		Escrita
P. L.	6,7	7,6
E. P.	5,7	6,6
E. J.	5,5	6,8
O. I.	8,7	8,4
A. M.	8,4	9,6
J. B.	8,5	9,3”

(R. R., 19, f.)

- anotar propósitos para futuras ações, ex.:

“Expliquei cada preposição. Fiz frases e mostrei figuras para eles formularem suas próprias frases.”

Obs.: Achei a aula cansativa. Na próxima não vou dar todas as preposições de uma só vez.” (F. V., 23, f.)

- registrar estratégias de aprendizagem usadas pelos alunos, ex.:

“Os alunos hispano-falantes têm dificuldade em distinguir a vogal aberta da fechada. A. me disse que ela distingue ‘avô/avó’ usando o artigo ou o possessivo: o avô/a avó; meu avô/minha avó.” (I. A., 22, f.)

- registrar auto-reflexões sobre o próprio processo de ensino/aprendizagem no qual o orientando está inserido, ex.:

“O empirismo gerado pela postura individualizada do professor para com a turma pode resultar em dificuldades na apreensão dos conteúdos; uma virtual incompatibilidade dos alunos para com novos conteúdos que requeiram tanto uma apresentação mais sistematizada quanto o domínio das estruturas gramaticais e vocabulário ensinados anteriormente. A solução para esta questão dá-se parcialmente, a meu ver, com a presença de 2 professores por turma; o entrecruzamento de conhecimentos e metodologias facilita a aprendizagem. Entendo agora nosso trabalho no

sentido: busca de soluções para as eventuais incongruências do método”.
(C. B., 25, m.)

Comentários finais

Embora pequena, a amostragem desta pesquisa serviu para identificar algumas das formas como o diário vem sendo usado no projeto de *Educação de professores/pesquisadores em português como L2* desenvolvido no PEPPFOL/LET/UnB. Essas formas não divergem de uso anterior do diário feito por outros pesquisadores mas refletem práticas sociais que são específicas do contexto educacional.

Em especial, as formas pelas quais os professores-alunos do projeto fazem uso do diário refletem muito de suas práticas discentes/docentes no ensino de línguas. Na experiência de muitos regentes, ensinar línguas ainda é informar sobre o sistema lingüístico sem incentivar o seu uso. Não têm, muitos deles, a prática do aprender uma segunda língua que pensam ser o mesmo do que adquirir uma primeira língua. A reflexão sobre esta e outras questões podem ser provocadas durante o processo de redação do diário na pesquisa etnográfica de sala de aula e na educação de professores/pesquisadores.

Referências Bibliográficas

- Allwright, D. *Observing in the language classroom*. London: Longman, 1988.
- Bailey, K. The use of diary studies in teacher education programs. In: Richards, J.C. e Nunan D. (eds.) *Second language teacher education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, pp. 215-226
- _____. Competiveness and anxiety in adult second language learning: looking at and through diary studies. In: Selinger, H. W. and Long, E.M.H. (eds.) *Classroom oriented research in second language acquisition*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1983.
- Ball, D. *Beachside comprehensive*. London: Cambridge University Press, 1981.
- Buarque, C. *Na fronteira do futuro: o projeto da UnB*. Brasília: EDU, 1989.

- Cunha, M. J. *The Yudja of Xingu: language, literacy and social changes among speakers of an endangered language*. Departamento de Lingüística, Universidade de Lancaster, Inglaterra. (Tese de Doutorado)
- _____. A tridimensionalidade unitária da UnB no Estágio Supervisionado 1/Inglês. *Anais do IX Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa*. UFRN, Natal, 1990, pp. 189-210.
- Cunha, M. J. e Santos, P. Projeto de educação de professores/pesquisadores de português como segunda língua. Comunicação apresentada no 3º Congresso Internacional do Ensino de Português como Língua Estrangeira. Cidade do México, 20 de outubro de 1994.
- Malinowski, B. *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge & Kegan Paul, 1922.
- Morita, M. K. Diários dialogados na formação contínua do professor. In: Almeida Filho, J. C. P. (org) *Português para estrangeiros interface com o espanhol*. Campinas: Pontes, 1995, pp. 49-58.
- Porter, P. *et al.* An on-going dialogue learning logs for teacher preparation. In: Richards, J. C. e Nunan, D. (eds.) *Second language teacher education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, pp. 227-240.
- Ribeiro, B. *O diário do Xingu*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- Ribeiro, D. *Diários índios. Os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia de Letras, 1996.
- Richards, J. e Lockhart, C. *Reflective teaching in second language classrooms*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- Robinson, D. *The process of becoming III*. London: Routledge & Kegan Paul, 1971.
- Ziemerman, D. H. and Wieder, D. L. The diary: diary-interview method. *Urban Life*, 5 (4): 479-98, 1977.